

Proposta para o VI Encontro Ibérico de Estética - ARTE E SOCIEDADE
Coimbra, Faculdade de Letras 24-26 de Outubro de 2019

Título: *Os cinco (ou mais) sentidos da cidade: variedades da experiência estética urbana*

Resumo: A cidade é cada vez mais – e em ritmo crescente desde a segunda metade do século XIX – o lugar, o contexto e mesmo a condição das formas de vida e da experiência contemporâneas. Nessa medida, pode dizer-se que é também cada vez mais o lugar, o contexto e mesmo a condição da experiência sensível, da criatividade e da imaginação do homem contemporâneo. Não terá sido por acaso que os temas urbanos começaram a invadir a poesia e a literatura de Baudelaire e a dos muitos modernistas que se lhe seguiram, a pintura dos impressionistas e dos –ismos que fizeram a história da arte da primeira metade do século XX ou até mesmo a música que, desde os primeiros sinais de atonalidade até ao desenvolvimento da música concreta e electrónica, começou a incluir as dissonâncias, a intensidade violenta e, por vezes, a cacofonia das paisagens sonoras urbanas (bastaria lembrar *Risveglio di una città* do futurista Luigi Russolo, com os seus *intonarumori*, logo em 1913 ou *City Life* de Steve Reich que, em 1995, recorreu a *samples* dos sons nova-iorquinos digitalmente reconfigurados para criar tonalidades e ritmos). Mais significativo ainda é o facto de algumas novas formas e meios de expressão artísticas terem nascido já em contexto urbano, como o cinema, cujas primeiras imagens mostravam situações emergentes do quotidiano da cidade (de Lyon – com os Lumière – ou do Porto – com Aurélio Paz dos Reis) e que se foi desenvolvendo, muitas vezes, através de géneros propriamente urbanos, como as “sinfonias urbanas” (Ruttman, Cavalcanti, Vertov), o “film noir” (J. Huston, N. Ray, O. Preminger) mas também nas experiências vanguardistas dos letristas, situacionistas e depois da *Nouvelle Vague* ou mesmo do *New Hollywood* (Allen, Coppola, Scorsese). As artes performativas (teatro, dança, *happenings*) também ganharam novas configurações marcadas pela experiência urbana, sendo mais evidentes as experimentações a partir dos anos 60 (Al Hansen, Kaprow, *Fluxus*) quando os artistas decidiram sair para a rua e interferir com os ritmos e vivências quotidianas da cidade. A desmaterialização da obra de arte (Lippard 1973, *Les Immatériaux* 1985) e a progressiva transferência do foco artístico e criativo do objecto para a experiência favoreceu a emergência de novas formas e meios expressivos (instalação, *performance*, *sound walks*) e de novos paradigmas que reconfiguraram a relação entre criação e recepção, transformando, por exemplo, o espectador em participante (Bourriaud 1998, Bishop 2012) e, por conseguinte, o cidadão em actor, intérprete ou em *flâneur* accidental na sua própria cidade.

A estética filosófica não tem, porém (nem mesmo a filosofia, *tout court*), acompanhado nem considerado suficientemente a cidade – com algumas raras, mas célebres excepções (Benjamin, Lefebvre, Sansot, Pacquot) – ou a experiência estética urbana, apesar de uma abertura nas últimas décadas a domínios da experiência que não se confundem e vão para além do artístico (escapando assim à confusão demasiado longa e redutora entre Estética e Filosofia da Arte), nomeadamente a “estética ambiental” (Berleant & Carlson) ou a “estética do quotidiano” (Saito). Estas explorações, às quais se poderia talvez juntar as de Gernot Böhme na senda da *Neue phänomenologie*, no fundo, não fazem senão retomar o projecto baumgartiano de uma ciência da *cognitio aesthetica* ou *sensitiva* em toda a sua amplitude, antes de ele se ter reduzido a uma estética do juízo de gosto e da recepção da obra de arte. A noção de experiência estética que poderá servir para demarcar, não

obstante a sua amplitude e vagueza inelidíveis, o domínio do estético não precisa de ficar refém de categorias (metafísicas e morais) como o belo ou o desinteresse ou de caracterizações honoríficas que destaquem o seu valor intrínseco e a encerrem em definições circulares. Ela deve emancipar-se da falácia dos objectos *estéticos* – pois tudo pode ser foco da experiência estética – fazendo jus às variedades da experiência sensível, e atentar ao carácter multimodal da percepção, libertando-se do império da visão cujo modelo reforça a relação objectivante e distanciada que caracterizou uma estética da recepção.

A consideração da cidade pode ajudar a reavaliar a noção de experiência estética, dado que ela não é apenas um complexo conjunto de superfícies visíveis, é um ambiente dinâmico e multissensorial feito de estados de coisas, relações entre corpos, estruturas, agentes e os acontecimentos que eles produzem ou que ocorrem como resultado de múltiplos factores em interacção; é uma variação contínua de processos, movimentos e fluxos. Experienciar esteticamente a cidade pode ser, na verdade, um feixe de experiências múltiplas, diversificadas e fragmentadas, umas mais significantes ou mais intensas do que outras, carregadas de informação sensorial e interacções perceptivas, mas também impressões e disposições afectivas que resultam dessas interacções combinadas com os modos de atenção e sensibilidade do sujeito da experiência.

Esta comunicação pretende explorar algumas variedades dessa experiência estética urbana e das paisagens sensíveis da cidade, recorrendo heurísticamente a noções como atmosfera, ritmo ou relação e a exemplos de práticas artísticas contemporâneas (em particular no contexto das artes sonoras) que problematizam, ao mesmo tempo que intensificam as experiências estéticas do quotidiano urbano.

Palavras-chave: experiência estética; cidade; multissensorialidade; atmosfera; artes sonoras

Augoyard & Torgue (Eds)(2005) *Sonic Experience: a guide to everyday sounds*, Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press.

Benjamin, W. (2019) *As Passagens de Paris*, tradução de João Barrento, Lisboa: Assírio & Alvim.

Berleant & Carlson (Eds)(2007) *The Aesthetics of Human Environments*, Toronto: Broadview Press

Bishop, C. (2012) *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship*, London: Verso.

Böhme, G. (2017) *The Aesthetics of Atmospheres*, London-New York: Routledge.

Bourriaud, N. (1998) *Esthétique relationnelle*, Dijon: Les presses du réel.

Labelle, B. (2010) *Acoustic Territories: Sound Culture and Everyday Life*, London: Bloomsbury.

Lippard, L. (1973) *Six years: the dematerialization of the art object from 1966 to 1972*, New York: Praeger.

Pacquot, T. (2017) *Dicorue: Vocabulaire ordinaire et extraordinaire des lieux urbains*, Paris: CNRS Editions.